

PRIMÓRDIOS DA ARTE URBANA NA VELHA FRANCA

Retornei a Franca no início de 1974, formado em arquitetura pela FAU Braz Cubas de Mogi das Cruzes. Fui o sexto elemento, havia cinco arquitetos atuantes na cidade, apenas um na prefeitura. Aos 22 anos, animado em mudar o mundo e com a arrogância pretensiosa que a juventude permite, comecei a trabalhar como assalariado numa construtora, como autônomo em meu escritório e como professor universitário, tudo ao mesmo tempo. Trabalhava de manhã, tarde e noite. Orientado pelo Eduardo Corona na faculdade, era um modernista tardio sem o menor talento da geração anterior.

Mesmo assim, tentei. Inexperiente ainda, fiz os desenhos e acompanhei as construções no canteiro de obras das casas de meus dois irmãos mais velhos, onde comecei a introduzir elementos de arte nas fachadas, na melhor tradição modernista. Tinha feito uma visita no final da faculdade a Curitiba com meu amigo Osias Gelbert e conheci, além das transformações urbanísticas operadas pelo prefeito Jaime Lerner, várias obras que juntavam painéis em concreto aparente com maravilhosos desenhos estampados. Eram projetos de arquitetos como Manoel Coelho, Luiz Forte Netto, José Maria e Roberto Gandolfi, que utilizavam trabalhos de artistas como o gravador Poty Lazzarotto, que fez um espetacular e enorme painel numa praça pública que conta a história da cidade, solução também adotada pela equipe curitibana que venceu o concurso da sede da Petrobras no Rio de Janeiro.

Convenci meu irmão a colocar um painel em sua casa na hoje congestionada avenida Ismael Alonso (então desocupada) e a Atalie, que havia iniciado a faculdade de artes em São Paulo a criar o desenho do painel. Ele ainda está lá até hoje, como testemunho de um tempo em que a arquitetura e arte pareciam convergir. Na casa do outro irmão, projetada ainda no final da faculdade, pintei um desenho colorido na fachada sem qualquer preocupação maior, apenas para ilustrar numa casa a possibilidade dessa junção (felizmente demolida). Na faculdade local, lecionava nos cursos de artes e design. Após conhecer as experiências de intervenções artísticas de meu professor Maurício Fridman no bairro de Vila Mariana em São Paulo, convenci a turma a fazer uma experiência do gênero.

Conseguimos um muro na região central da cidade, de um arranha-céus que começou e nunca foi concluído, na esquina das ruas da Igreja Matriz e Campos Salles. Entre as alunas envolvidas estavam a Eliana Taveira, Jane Dárc e a Lázara, que teimava em assinar a lista de chamada com o apelido “Criola”, coisa inimaginável hoje. Os alunos desenvolveram alguns desenhos e usamos sábados para realizar o experimento. Hoje, essas experiências são corriqueiras com resultados às vezes fantásticos, às vezes tenebrosos. Mas a arquitetura perdeu o protagonismo, os artistas urbanos ocuparam o espaço que a arquitetura abandonou ao levantar ruas amuralhadas e condomínios fechados que viram as costas para a cidade.

O resultado foi mais violência urbana e lugares sem vida. É a guerra de lugares tão bem retratada no livro da arquiteta Raquel Rolnik, cuja leitura fez estas lembranças surgirem, dos tempos que os arquitetos tinham, para o bem e para o mal, uma utopia, bem distante do besteiro “marqueteiro-doriana” do atual prefeito paulistano e da alienação da maioria dos arquitetos de Franca à cidade que produzimos.

Mauro Ferreira é arquiteto